

Correio de Misa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director - ABEL MONTEIRO



Corrente Calamo

Tiro um livro, ao acaso, e estantes para combater o tédio dum tarde escura e morrinhenta. «La Vie Moderne», de Ed. Rottach. Sempre acabei apaixonado pelas civilizações orientais e a China, principalmente, foi o país que mais me tentou: As fantasmas da sua vida característica, o mistério e a grandiosidade da sua organização política e social.

Fernão Mendes Pinto, o melro, depois, Frei Gaspar de Cruz, no «Tratado das Coisas da China», com os envolvidos narrativos de Soulié de Morant, foram-me a ideia bastante vasto império do Oriente que nós portugueses conhecemos há muito, pouco na dilatação da fé e do império.

Fechada para o Mundo há tanto séculos, cercada de montanhas, ora naturais como sistemas gigantescos e montanhas que a rodeiam, ora de construção humana como essa fantástica muralha da Mongólia com as leguas de comprimidos quando nos ensinou o Enciclopédico, a muralha das grades «linhas» e as suas resultantes, a Chiapas, depois de trágicas e pagodes e dos mandamentos, a que não faltaram o domínio estrangeiro, a República no surgir duplamente aurora, por cujos olhos ainda hoje combato e a prop...

Que etimologia significa maior, hoje não sei. Rodrigo de Freitas, Questões de Gramática, 2.ª Parte, Livro 78).

Que etimologia significa maior, hoje não sei. Rodrigo de Freitas, Questões de Gramática, 2.ª Parte, Livro 78).

Que etimologia significa maior, hoje não sei. Rodrigo de Freitas, Questões de Gramática, 2.ª Parte, Livro 78).

Que etimologia significa maior, hoje não sei. Rodrigo de Freitas, Questões de Gramática, 2.ª Parte, Livro 78).

O CASO PORTUGUÊS

Tribuna Livre

Adversários

II

Loquacitas in aedificatione nulla turpis

(Tertuliano)

Pelo ENG.º FERNANDO PEREZ DURÃO

Que faziam então as corporações e hoje o nosso regime corporativo realiza?

Dignificação da profissão como função essencial ao bem-comum da unidade que é a Nação; levar à Câmara Corporativa—como outrora iam às Cortes os representantes do povo—as corporações por diferentes que elas sejam, pois a todos considera úteis e indispensáveis—não iguais!—ao supremo interesse da comunidade.

E, por este motivo, o homem, qualquer que seja a sua profissão, o homem verdadeiramente integrado na sua corporação, vê que o seu prestígio, o seu valor social, é verdadeiro e mais ainda, sente que a sua soberania como indivíduo isolado no liberalismo, na democracia ou seus derivados.

É, de facto, ainda um pouco moroso reanimar a consciência corporativa, mas a excelência do ideal corporativista é tal que não receamos pelo seu triunfo, seja qual for o nome que lhe dêem.

É porquê? Pela sua ética; pela sua faculdade de elevação do nível social e político dos membros da corporação; pelo seu espírito não exclusivista, mas unitário; pelo seu fim benéfico de conciliação e cooperação de interesses; pela elevação da honra corporativista a um grau de real superioridade.

Não há dúvida, têm as corporações o fim de elevar as condições morais do homem de maneira a torná-lo cada vez mais ligado à vida da Nação.

Não foi apenas a vontade dos homens, ainda que muito influísse, que provocou esta mais total destruição das corporações económicas, mas os imperativos de todo o século XIX, século por excelência da economia, da expansão industrial europeia e de conquista do planeta por civilizar.

vida política da Nação. É a essa ressurreição que assistimos em nossos dias.

As Corporações que a revolução de 89 destruiu num dos seus primeiros decretos, eram filhas das corporações romanas e medievas que sempre foram consideradas verdadeiras famílias e a este propósito diz-nos, com muita ironia, mas muita verdade, o Prof. Manólesco, que «foi em nome da revolução da fraternidade que se destruíram esses oásis de fraternidade que eram as corporações!»

Nós, portugueses, temos muitos elementos para podermos avallar, melhor que qualquer outro povo, a extensão da fraternidade existente nas corporações do trabalho a que hoje chamamos económicas.

As Corporações de Artes e Ofícios talvez não tivessem atingido entre nós o esplendor e a importância que caracterizaram as suas congéneres europeias, é possível, mas desde a Casa dos Vinte e Quatro até os Grêmios de Mesteres espalhados pelo País, a sua função foi sempre altamente benéfica para o bem-comum e teve formas que muita vez excederam o que de melhor havia lá por fora, o que levou José Acúrcio das Neves a dizer «serem as leis que as governavam mais sábias que as suas congéneres da Europa».

Prova-se o que afirmamos com esta transcrição curiosa registada por L. de Almeida Braga num seu artigo intitulado «Das Corporações do Trabalho em Portugal», dum declaração datada de 1690 e dos juizes do ofício de ourives da prata: «São os regimentos e posturas do senado da câmara tão úteis e admiráveis que os estrangeiros que vêm a esta corte e têm delas verdadeira notícia, ou as trasladam ou estudam de tal sorte, que parece que são os portugueses que têm dado leis modernas a todas as cidades da Europa».

As leis que regiam as nossas Corporações constituíam, sem dúvida, um interessante corpo de legislação e, sem demasiada severidade, cumpriam os seus deveres e em todas as grandes crises nacionais as Corporações levavam aos nossos Reis o mais denodado auxílio e apoio material, moral e de bom-conselho, pois estudo era serviço de Deus e prol da república, como rezavam as suas ordenações.

O seu apoio material era de livre arbitrio, pois o ofereciam pela voz dos seus juizes e sabia-se, e está verificado, nunca o fisco se intrometeu a tirar recursos das corporações.

A sua obra de assistência nada ficava a dever à obra de assistência das casas religiosas e das nossas excelsas Rainhas. Era importantíssima, era utilíssima, e muitas das corporações mantinham mais de um hospício privativo, como por exemplo a dos pescadores que, em Lisboa, mantinha nada menos de três.

E pelo País, de norte a sul, existiam muitos exemplos da magnífica e fraternal obra das corporações. Essa, assim, era verdadeira fraternidade que a tal chamada revolução da fraternidade—ironia das palavras!—fez desaparecer para lançar as classes em luta feroz, irmãos contra irmãos, em nome de uma liberdade que foi desordem e licença, de uma igualdade que desde então, mais do que nunca, não existiu, até mesmo aquela que a dentro das Corporações era real, tão justa, tão equitativa, pois, como nos diz ainda e bem L. de Almeida Braga, «a regulamentação do trabalho não se inspirava unicamente em preocupações egoístas, mas num alto anseio de honestidade profissional, de igualdade e solidariedade social».

E a consciência corporativa existia em alto grau, bem como a dignidade profissional que, com a luta de classes nunca foi atingida, nem era susceptível de o ser. E, assim, os operários conscientes da sua individualidade e do seu valor profissional tinham o sentimento da dignidade do trabalho e o nobre orgulho da profissão.

E os seus «estatutos de ofícios» reprimiam as fraudes, as falsificações, os trabalhos imperfeitos, o excesso do preço; tratavam das boas relações entre os mestres e os seus oficiais—patrões e operários—na concorrência regulada, na justa repartição dos benefícios, no ajuste de salários, etc.

E tudo isto que era excelente e susceptível de evolução, de certo necessária perante o progresso material do século XIX, principalmente no que respeitava às indústrias mecânicas, foi abolido!

A revolução de 89 tudo destruiu e baralhou, dando lugar

Não escrevi a precedente crónica publicada sob a mesma epígrafe, nem tampouco escrevo a presente, pois vou pedir licença para transcrever, inclusivamente o título, com o maior apreço, do artigo publicado em fundo no «Diário de Lisboa» do dia 12 de dezembro do ano findo:

«Lendo o Evangelho, especialmente as cartas de S. Paulo, vê-se que, logo nos primeiros anos da pregação, não faltaram divisões e conflitos, no seio das comunidades.

A doutrina do amor e da bondade tinha de ser defendida contra os lobos que a assaltavam e contra os zumbidos de alguns insectos molestos que a manchavam. Apesar de Cristo, dos Apóstolos e dos Sustentáculos vigilantes dum obra que rompia para a conquista do mundo, as vizanias surgiam a cada passo.

Como suprimi-las? Mantendo na sinceridade do coração a pureza integral da fé.

Os vendilhões, os sofistas, os sofregos e os hipócritas rondavam o rebanho e frequentemente entravam dentro dele, a fim de o corromperem e dispersarem.

Porque não conseguiram? Faltava lhes a eloquência simples e irresistível que desfaz o erro e proclama a verdade inabalável.

Nunca se viu, á face da terra, a conquista imediata dum auditorio pequeno como uma sala, vastíssimo como o universo—visto que nós não somos transparentes como um espelho. A dúvida, o cálculo interesseiro, a desconfiança, a ignorância de braço dado com a estupididade, a suspeitosa prudência e a inclinação natural em nós para a contradição—tudo se junta num molho de víboras que picam, mordem, turvam e envenenam a parábola da verdade. Inegável como um axioma— a humanidade não é deste mundo.

Dois homens, dois desconhecidos, dois passageiros do mesmo barco, dois caminhantes da mesma estrada, depois de trocados os seus cumprimentos, deparam logo com matéria para divergir e discutir. E nascem assim discórdias que podem terminar deploravelmente.

Foi o homem alguma vez? (Conclui na pág. 2)

m ano—26500, colónias e Extrac... acréscimo d... e restituem o... ejam ou não p... toda a colabor... rnal é sollicita...
o me...
me vejo... de a brum... espuma, ... desejo!...
lampejo... ima... de espuma... u não me v...
undo: ... e fui, ... e fêz!...
segundo, ... dilui ... só vez?
MES CORREI...
ua Pátria...
ATOLOGIA...
Pelo Dr. Carvalh...
RO—Chama... onado. E por... não tem pa... ctivos desde... sentido até o... de «excêntri... upa de coisa... como sem im... os olhos do... encontro arqu... nis (Cfr. José... nueu. Digre... gicas, pág. 11...
R—Que etim... significa a... maior, hoje n... id. Rodrigo... a, Questões de... 2.ª Parte, Liv... 78).
smo filólogo... ado diz-nos... ninássemos... antio dos q... s cabo, ca... general, pe... à história, ... possível cheg... o de que a... hierarquia é... a antiguidade...
(Continu...
TEM NO «CORR... SA», QUE CIRC... TODO O PAÍS...
so provocou... no rancho, p... araram tratar... lesouro esco... ilantes dum... tempos muito... xistiu e de g... leves vestígio...

Hidro - Eléctrica Alto Alentejo

RELATÓRIO DA DIRECÇÃO Exercício de 1945

Senhores Accionistas:

Acentuaram-se na gerência finda as consequências duma estiagem persistente, cujas repercussões mundiais são bem evidentes e que não permitiu o funcionamento normal das nossas Centrais hidro-eléctricas.

A produção hidráulica foi verdadeiramente insignificante, tendo que fazer face às necessidades de consumo na medida do possível, quer com a nossa produção térmica, a um preço de custo elevado devido à carestia dos carburantes e óleos de lubrificação, fortemente agravada com a alta dos transportes, quer ainda e sobretudo com a aquisição de energia a terceiros, paga a uma tarifa no geral mais elevada do que aquela que nós praticamos.

Nesta conformidade e apesar de todos os esforços dispendidos, não tendo obtido das instâncias oficiais licença para aumentar de 20% as tarifas actuais, apresenta a gerência do ano um deficit que será anulado quando pudermos trabalhar normalmente, com as nossas Centrais hidro-eléctricas.

Prosseguiram os trabalhos de aproveitamento do Rio Ocreza, esperando intensificá-lo quanto o permita o fornecimento de materiais de construção, de modo que a primeira central hidro-eléctrica deste sistema possa laborar dentro do prazo previsto.

Atendendo porém à necessidade instantânea de produzir energia eléctrica em quantidade suficiente para responder às exigências crescentes do consumo, procuraremos realizar dentro de curto prazo o aproveitamento hidro-eléctrico do Rio Tejo, tendo já em nosso poder as propostas de fornecimento de todo o material condicionado aos prazos requeridos.

Agradecemos ao Conselho Fiscal a sua colaboração, tanto mais profícua quanto é certo que ela se exerceu numa gerência difícil.

A todo o pessoal, que nos auxiliou na resolução de problemas que as circunstâncias nos impuseram, o nosso reconhecimento.

Queremos registar com pesar o falecimento do Ex.^{mo} Sr. Carlos Matias de Castro, Presidente da Assembleia Geral, que à nossa Sociedade prestou a sua valiosa colaboração e que foi sempre um amigo dedicado.

Lisboa, 8 de Março de 1946.

A DIRECÇÃO

- (a) Artur Martins Nogueira
- (a) João Geirinhas
- (a) José Custódio Nunes

Balanço Geral em 31 de Dezembro de 1945

Activo		
DISPONIVEL		
Caixa	68.316\$27	
Caixas das Secções	97.231\$92	
Depósitos à Ordem	2.283.269.27	
Caixa N. de Crédito (Saldo disponível)	1.986.052\$32	5.434.869\$78
REALIZÁVEL		
Títulos em Carteira	1.071\$00	
Consumidores	877.585\$20	
Accionistas	19.515.160\$00	
Devedores e Credores (Saldos Devedores)	112.116\$23	
Armazéns	2.118.457\$65	
Materiais de Trânsito	551.712\$30	23.177.112\$38
IMOBILIZADO		
Estabelecimento	48.464.325\$78	
2.º Estab. «Rio Ocreza»	3.409.781\$04	
Hidro-Eléctrica do Zêzere (1.ª prestação)	2.414.400\$00	54.288.506\$82
DIVERSOS		
Depósito de Garantia	135.939\$00	
Obras	687.640\$85	823.579\$85
CONTAS DE ORDEM		
Papéis de Crédito	57.079\$00	
Títulos em Caução	180.000\$00	237.079\$00
LUCROS e PERDAS		3.211.184\$49
		87.172.335\$32
Passivo		
NÃO EXIGIVEL		
Capital	72.000.000\$00	
Fundo de Reserva Legal	2.035.000\$00	
Fundo de Amortização	1.640.000\$00	
Fundo Depreciação	1.580.000\$00	77.255.000\$00
EXIGIVEL		
Devedores e Credores (Saldos Credores)	3.910.208\$02	
Caixa N. de Crédito	5.736.890\$19	
Dividendos	33.158\$11	9.680.256\$32
CONTAS DE ORDEM		
Títulos em Dep. Garantia	57.079\$00	
Credores por Títulos em Caução	180.000\$00	237.079\$00
		87.172.335\$32

Tribuna livre

(conclusão)

anjo?

Nem pensar nisso! A própria felicidade não se logra por muito tempo. Passa depressa como o bater de asas do colibri. No peito mais sossegado, germinam ambições e desejos. Jadas ouviu Jesus e train-o.

Quando alguém se propõe conduzir os povos à universal pacificação, tenhamos por certo que vai atear imensa fogueira de ólios, antes de concluir a sua cruzada redentora. Embora nos consideremos irmãos, somos irmãos desunidos, isto é: adversários.

Está escrito, no maior dos livros:

«Comerás o pão com o suor do teu rosto...»

Que amargo o pão da vida! Lado a lado, no amanhã dos campos, na sementeira da seara, na colheita dos frutos, na rega das hortas, no apanhar das rosas, nós encontramos amarguras e desditas, irritações e desesperos. O solo que cultivamos, o pensamento que concebemos e o muro que erguemos, nem sempre apertam os laços que nos unem. Num tratado sobre a linguagem, diz o seu autor, quasi num místico arrebatamento:

«A palavra é o elo que estabelece entre o nosso «eu» e o universo, uma aliança permanente»

E as discórdias, as ofensivas implacáveis, as polémicas, os insultos e as torpezas, a quem pertencem? O invejoso sustenta sua in-

à livre concorrência de que hoje nos libertamos, depois de lhe haveremos sofrido as mais desastrosas consequências e que a utilidade havida no passado século e ainda no presente na expansão do capitalismo, não vemos justifique completamente, ainda que tenhamos como ponto seguro a necessidade de grande transformação nas ditas corporações para comportarem o movimento constante de acréscimo da potência industrial do ocidente europeu.

Não ignoramos que a livre concorrência facilitou, dignos mesmos, tornou possível, a formação das grandes empresas capitalistas, sustentáculos do progresso industrial, mas verdade é também, e triste verdade, que a maioria dos homens antes perdeu que ganhou com essa espantosa acumulação de riqueza que trouxe a par a maior crise que jamais os povos sofreram e de que vem ainda longe o desejado fim, e é em tudo diferente das

veja, o traidor a sua traição, o caluniador a sua calúnia, o ladrão o seu roubo...

Que fazem o justo, o santo, o amigo dos inocentes, o protector dos desamparados?

Emmudecem e esperam que justiça lhes seja feita. A palavra humana, na boca dum dândido ou na boca dum sábio, produz o mesmo som. Só uma coisa os torna diferentes — um fala por medo, o outro, por desleitor»

X.

O Caso Português

(continuação)

conhecidas crises do passado acidentais a penas.

É o fim de uma liade. Será a aurora de uma Era?

Confiamos que assim se tivermos todos uma verdadeira consciência corporativa

Se não é possível mudar-se os imperativos duma deve procurar-se atenuar, sábias medidas, os efeitos nocivos que em si contem

Por isso concordamos namente com L. de Al. Braga quando, depois de o quadro do operário da sua corporação, conclua as limitações postas à liberdade de cada um, eram a grande independência económica todos».

Era, na verdade menalhante e grandioso, e, sub também, como nos diz ylesco, «sómente o ambiente liberdade sem limites do viduo podia assegurar o mo potencial económico do pelos imperativos da e, é por isso, que ele se ta a reconhecer «que o dualismo foi lógico e op para o século XIX», ma conclusão não o impele clamar com a mesma com que ele é ilógico e inop para o século XX.

As condições mudardicalmente e hoje os imvos são de ordem diferen que caracterizaram o oculo que, sem erro, p trazer até à primeira mundial, a de 1914-18.

A demasiada generde certos princípios é fundamental, assim como ros de eternidade a de que nos apaixonam de to e temos por necesrante os factos — nada só a lei de Deus! — dom improdutivo e nefastu

Assim, o individual a sua época e termino dar lugar, a pesar de dúbidas ainda existentsórias vitórias de velltrinas, para dar lugar mos, ao corporativism um produto histórico vel e é hoje o futuro, coa liberal foi o futuro

E o que menos monracidade do conceito aqui se ilide.

Para não nos alomais, registamos o qzar conclue ao falar do to de liberdade, tão mente interpretado no «Continuo a crer que dos homens e da sua sociedade haverá a necessária e a liberdel; mas seja qual de liberdade politica já está moribunda na a liberdade económica

É a era do Corporveda-nos o caminh de que o contingentão grandioso, como al.

E por ser assim, p caríamos se...

ESTE NÚMERO DO DE NISA FOI VISA CENSOR DO DIST

Conta de Lucros e Perdas

Débito		
Saldo do ano anterior		1.472.188\$74
Despesas Gerais	994.626\$04	
Resultado da Exploração	743.369\$71	1.737.995\$75
		3.211.184\$49
Crédito		
Saldo		3.211.184\$49

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Na nossa missão de acompanhar a marcha dos negócios da nossa Sociedade, verificamos que em face das dificuldades, ainda mais acentuadas durante o período da última gerência, como claramente é apresentado no relatório da Direcção, os resultados seriam por certo menos satisfatórios se não fora a boa orientação e esforços dispendidos no sentido de atenuar os prejuizos inevitáveis.

Além das vantagens a obter pelo aproveitamento do Ocreza, cujos trabalhos seguem o seu ritmo, aprez-nos também antecipar a nossa satisfação pelos resultados que o aproveitamento do Rio Tejo virão proporcionar à nossa Sociedade, dando-lhe a possibilidade de corresponder às incessantes requisições de mais energia eléctrica, com a justa compensação do emprego de capital.

Tendo conferido minuciosamente as contas, que sempre encontramos em boa ordem, e dando o nosso inteiro apoio ao Relatório da Direcção, somos de parecer que:

- 1.º — Aproveis o Relatório, Contas e Balanço do ano findo de 1945;
- 2.º — Seja dado um voto de louvor à Direcção, pela forma como administrou os negócios da nossa Sociedade;
- 3.º — Aproveis um voto de louvor a todo o pessoal, pela sua dedicada cooperação;
- 4.º — Aproveis um voto de pesar pelo falecimento do nosso saudoso Presidente da Assembleia Geral, Ex.^{mo} Sr. Coronel Carlos Matias de Castro.

Lisboa, 9 de Março de 1946.

O CONCELHO FISCAL

- (a) Ruy d'Orey
- (a) Manuel Cordeiro Duarte Ferreira
- (a) Eusébio Nunes Delisle

Anúncios—1500 cada linha, segundo o linómetro de corpo 8. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—550. Numeros atrasados: 1500. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26500
continente; Colónias e Est.
gelro, com o acréscimo
portes. Não se restituem
ginata quer sejam ou não
blicados. — Toda a colab
ção para o jornal é solici

Fábulas de sempre

Os escritores clássicos trouxeram até aos nossos dias, uma teoria de preceitos morais, tanto em prosa como em verso, em que se verberam defeitos e exaltam virtudes Esopo, na Grécia, Fedro em Roma e, mais modernamente D. João Manuel, La Fontaine, Bocage, D. Francisco Manoel, dentre tantos outros que seria gastador enunciar.

Aparecem leões, javalis, gatos, burros serpentes e homens, enfim uma bicharada completa que faria um tratado de zoologia à Buffon ou Cuvier.

O subtil, e muitas vezes o espirituoso, é lapidado a mãos de mestre, como é hábito e característica dos escritores antigos.

As situações mais extraordinárias aparecem-nos aí descritas com uma precisão de vernáculo e castiço, tanto mais para admirar hoje, quando os costumes tentam, a todo o transe, quebrar os espartilhos da conveniência e do equilíbrio.

E têm sempre oportuna aplicação as fábulas e apologos! E' que eles são afinal mais da tradição que de seus autores, mais da existência da vida, desde que se formaram os primeiros princípios, até à consumação dos séculos.

Não os podemos considerar obra dum homem, resultado duma escola, produções dum género literário.

Fábulas e apologos são verdades eternas da humanidade, aquelas verdades que ela descobre e traduz, quando abandona as batalhas e contempla, em recolhimento, a sua própria e transitória existência.

E' um «poenitete» sentido e confesso, uma súplica de perdões, um «miserere» de arrependimentos.

Há-os de vária forma e geito e as liberdades da estilística tem neles uma pródiga aplicação.

Mas entretanto, nunca lhes falta conceito, nunca empobrecem na propriedade, nem deixam de ser oportunos e sãos.

Contudo alguns existem em que estas características, melhor que noutros, se mostram e ressaltam, avantajando-se numa justeza, sem dúvida, inegalável.

Depende isto também da forma de ser, do estado momentâneo do analista e, quantas vezes, da oportunidade flagrante dos factos.

Neste último caso, podemos incluir aquela fábula, conhecida de todos, desde o cáculo dos liceus até à empregadagem da indústria e do comércio, apresentada com um rigor de fotografia, no «Bilhar» do grande Nicolau Tolentino, a fábula que Fedro escreveu em versos latinos e que aparece, já justidiosa, nos manuais escolares: «Mons Parturiens».

Toda a gente, de certo aglomerado humano, olhava uma montanha que, miraculosamente saltava, cíclópicos gemidos, porque, dizia-se á boca cheia, ela ia dar á luz.

E a admiração cada vez era maior, por tão extraordinária nova, que enchia de pasmo aquela infantil população, ainda num estado de ingenuidade patriarcal.

Que surdiria, finalmente?
Por comparação de coisas e factos, uma montanha só poderia «mandar vir de França» uma outra montanha, pequenina, embora, mas sempre uma montanha.

E' um caso de gramática filosófica ainda e sempre por resolver: o mínimo do máximo.

Ora finalmente, na hora própria, surgiu a «condessinha» e dentro... um rato.

Quando ainda hoje se anunciam grandes coisas extraordinárias modificações, novidades sem conta, o resultado é, como nos vagos tempos distantes, aparecer apenas um rato... cego.

Abel Monteiro

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.

LEIAM NA 1.ª PÁGINA O ANÚNCIO DA «Casa Victória»

As GRALHAS

A «gralha» deve ser, com certeza, de origem muito remota e foi coisa que bastante me surpreendeu não terem os senhores jornalistas portugueses, atraídos pelo «Centenário da Gazeta», celebrado com pompas condignas, o «Arquimilenário da «Gralha» Pássaro veraz e conirróstro, a «gralha» deve ser como a pescada que «antes de ser, já o era».

Tenho quasi a prova de que Adão e Eva, no Paraíso, não dispunham de elementos tipográficos, atendendo a que Gutemberg nasceu muitos anos depois. Mas evidentemente, lá de tempos a tempos, haviam de pensar uma coisa e fazer outra...

Debaixo daquelas macieiras ramudas e mariolonas de que a lenda nos fala e a realidade trouxe aos nossos pomares, para a tortura de tantas vezes vermos as maçãs entumescidas, nos ramos, aos pares, e termos de nos contentar com a vista... debaixo daquela invejável arvoredo umbroso e acolhedor, Adão muitas vezes havia de falar em alhos e a adorável Eva perceber bugalhos.

A direcção dos ventos, mutável como a postura do aparelho que os cata; a «cêra», nos ouvidos da primeira «madama»; a epiglotte do Adão aberta, por erro de sinalização gutural, a gaguez própria de quando êle mentia, ao recolher tarde à sua toca, eram fenómenos mais que justificáveis para «gralharem» a conversa.

Desde então para cá, a história da «gralha», passada a escrito, ocuparia muitas milhas de prateleiras, numa biblioteca, tal qual como os volumes do «British Museum».

Mudando agora de posição, como se faz ao ponteiro nos quadrantes das telefonias, veremos, mesmo sem «olhos de receita», as «gralhas» faladoras, com a sua «algaraviada» insuperável.

O «Palito Métró» parafrasearia assim: «gralha, gralharem et omnia gralha»

OURO

COMPRA E PAGA MELHOR.

Ourivesaria e Relojoaria

PINA

NISA

PARA ASSINAR ÊSTE JORNAL BASTA REMETER Á REDACÇÃO UM VALE DE CORREIO DE VINTE E SEIS ESCUDOS.

No caminho do me êrro...

Eu ando a procurar-me e não me vejo
Por mais que o meu olhar desvende a brum
Cada passo é a chama que se esfuma,
A transformar em cinza o meu desejo!

Eu já voltei atrás!... Num vão lampejo
Já desfiei,— sei lá!—uma por uma...
Tôdas as contas dum rosário de espuma
Mas por mais que me atente... eu não me

E trago nesta luta êste meu mundo:
Do que sou em procura do que fui,
Do que faço a buscar o que se fêz!

Como posso eu dobrar um só segundo,
Se o que fui... é a luz que se dilui
E o que fiz... só o faço uma só vez?

Lisboa, 25 de Março de 1946.

JOSÉ GOMES CORREIA

PALAVRAS

que não esquecem

Cidade do Mindelo, 6 3-46

Ex.^{mo} Sr. Director do «Correio de Nisa».

A falta de «Fitina» ou «Opocer», o excesso de «Quinino» ingerido durante 4 anos de estadia em terras Angolanas e ainda os 16 meses já passados nestas paragens Caboverdeanas, levaram-me a faltar à chamada, na altura própria.

Como Nisense e como Diniz que sou, fallaria, a um dos mais elementares deveres, para com aquêles que pugnam pelos interesses da minha terra, se, não rogásse a V... a minha inscrição, como assinante do «Correio de Nisa».

Com a máxima consideração por V... se considere credor de uma desculpa certa, o Nisense autêntico.

JOÃO DINIZ CORREIA

A Numismática em Monte Claro

Quando se procediam a uns trabalhos agrícolas numa propriedade do lavrador Sr. José de Oliveira Bispo, denominada Tapada do Severino, um dos trabalhadores sentiu que o bico da ferramenta com que trabalhava se prendeu em qualquer coisa estranha, e logo notou tratar-se de uma panela, a qual continha uma certa quantidade de moedas antigas.

Língua Patr

SEMATOLOGIA

Pelo Dr. Carr

MADURO—Chama-se fruto sazonado. E pe estádios não tem pe êste adjectivos desde primeiro sentido até se lhe dá de «excêntr» que se ocupa de coisas sideradas como sem tância aos olhos do e não encontro arg em Morais (Cfr. Joaquim Nnue», Dige Lexicológicas, pág. 1

MAJOR — Que eticamente significa que é maior, hoje maior (Vid. Rodrigo Nogueira, Questões gnagem— 2.ª Parte, 1935, pág. 78).

O mesmo filólogo balho citado diz-nos «Se examinássemos lor semântico dos vocábulos cabo, maior, e general, p auxilio á história, fôsse possível chegar conclusão de que a da sua hierarquia é sa da sua antiguidad

(Conti

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.

O caso provocou alarido no rancho, dos julgaram tratar enorme tesouro esc por habitantes dum que em tempos multos ali existiu e de restam leves vestígio